

A síntese entre objetividade e subjetividade mediada pela noção de *habitus* em Bourdieu

Vilson Cesar Schenato¹

Resumo: Dialogando tanto com autores clássicos das Ciências Sociais, como de outras áreas, Bourdieu constrói o seu arcabouço teórico, no qual a noção de *habitus* ganha centralidade. Tal noção possui uma re-elaboração original, na tentativa de mediar objetividade e subjetividade inserida numa perspectiva relacional às noções de campo, espaço social, trajetórias, classes (luta de classes), relações de poder, violência simbólica etc. Ao mesmo tempo em que *habitus* é uma estrutura-estruturante, se constitui em um conhecimento prático adquirido nos jogos sociais que o agente participa. A incorporação do social é constituidora do *habitus*, que por sua vez, é princípio gerador de escolhas, esquemas de classificação, apreciação e di-visão de mundo conforme a posição no espaço social. Para Bourdieu, a construção do social não ultrapassa os limites deste, pois, a meu ver, prevalece às dimensões reprodutiva e objetiva do social, não permitindo ver o próprio *habitus* como escolha e possibilidade reflexiva para o agente.

Palavras-chave: *Habitus*. Espaço Social. Interiorização. Exterioridade.

Abstract: In a dialogue with both classical authors of social sciences, as from another areas, Bourdieu builds his theory, in which the *habitus* notion is central. This notion has an original reworking, an attempt to mediate objectivity and subjectivity, inserted into a relational perspective to the notions of field, social space, trajectories, class (class conflict), power relationship, symbolic violence, etc. At the same time *habitus* is a structuring-structure, it constitutes a practical knowledge acquired in the social games that the agent participated. The social incorporation constitutes the *habitus*, which in turn, is the generator principle of choices, classification schemes, appreciation and di-vision of the world according to the position in social space. For Bourdieu, the social construction does not exceed the limits, because in my point of view, it prevails the reproductive and objective dimensions of social, not allowing to see the *habitus* as choice and reflective possibility for the agent.

Keywords: *Habitus*. Social Space. Internalization. Exteriority.

Introdução

Pierre Bourdieu (1930 – 2002), eminente sociólogo francês contemporâneo, filho de camponeses, começou seus estudos e pesquisas na década de 1960. Sua formação primeira foi a filosofia e logo, em pesquisas na Argélia, flertou com a antropologia, o método etnográfico e, posteriormente, “casou-se” com as ciências sociais, em que foi reconhecido e ganhou destaque na academia.

Numa época em que, Talcolt Parsons, teórico norte-americano era o grande nome da sociologia mundial, Bourdieu iniciou seus trabalhos acadêmicos, tendo uma formação sem se limitar às fronteiras disciplinares das áreas de conhecimento, trazendo a reflexão crítica da filosofia, sofre influência da economia, geografia, antropologia e, claro, da própria sociologia.

¹ Doutorando em Ciências Sociais do PPGCS – UFCG / Bolsista CAPES. E-mail: vil_son@yahoo.com.br

Nesta, tenta conciliar o objetivismo com o subjetivismo, o empirismo com o teorismo e também, sendo eclético nos métodos, utilizando em suas pesquisas tanto os quantitativos, quanto os qualitativos para repensar e atualizar seus conceitos teóricos.

Se fosse classificar o seu próprio trabalho, colocaria em termos de *construtivismo-estruturalista* ou *estrutural-construtivismo*. Estruturalismo no sentido de que, independente do que os indivíduos pensam e desejam, existem estruturas objetivas que são capazes de condicionar e orientar as ações, práticas e representações. Construtivismo, porque há uma gênese social dos esquemas de percepção e ação que constituem o *habitus*, e que também constitui os campos, grupos e classes sociais (BOURDIEU, 1990, p. 149). Em termos gerais, existe um dilema nas ciências sociais que se aventura por dois caminhos aparentemente opostos e que não se casariam: subjetivismo e objetivismo (BOURDIEU, 1990, p. 150).

O arcabouço teórico-metodológico de Bourdieu se traduz na recusa de tais extremismos ao se interpretar a realidade social que vai desde o viés da consciência ou do inconsciente, do finalismo/determinismo e da opção pelo indivíduo ou pela sociedade, vistas como dimensões separadas. No combate a essas opções extremas, tenta superá-las colocando-as para dialogar. Com essa postura cunhou seus “próprios” conceitos, alguns recuperados e reelaborados depois de tirá-los da poeira do esquecimento e reinventá-los, como no caso da noção de *habitus*, que trabalharemos de forma mais detalhada neste texto.

A sua originalidade está em dialogar com os clássicos da sociologia: Marx, Weber e Durkheim e com outros autores², juntamente com pesquisas na realidade social contemporânea, formando um modelo explicativo e interpretativo de grande envergadura. Em sua sociologia, os conceitos são inter-relacionados, não podendo ser considerados isoladamente. Noções como as de espaço social, campos, posição, trajetórias sociais, capital social, capital simbólico (e tantos capitais conforme os campos sociais a que se referem), dominação, violência e lutas simbólicas; acumulação de capital; sistemas de disposições (*habitus*) visão e di-visão de mundo etc., são elementares em sua perspectiva teórica.

Portanto, não podemos falar em *habitus*, sem relacioná-lo a outros conceitos, devido a lógica de seu pensamento ser relacional e não substancial (em si mesma), por compreender que ciência são relações.

Deste modo, tal lógica abarca inclusive a sua compreensão do real, visto como relacional, e as práticas sociais nas suas relações e não em si mesmas e por si mesmas. A maneira de pensar substancialista é do senso comum, reportando-se a uma “essência”

² Mais do seu tempo, tais como: Sartre, Gramsci, Thompson, Hobsbawm, Ginsburg, Schultz, Goffman etc.

biológica que comete erros de comparação entre diferentes sociedades. Bourdieu critica a postura daqueles que transformam em propriedades necessárias e intrínsecas de um grupo qualquer, aquilo que lhes cabe em um dado momento histórico, conforme sua posição relacionada a um espaço social determinado, levando em conta as práticas possíveis em determinadas situações. O conjunto de posições sociais de um determinado campo está vinculado com um conjunto de práticas ou de bens relacionalmente definidos. Tais posições sociais são relacionadas às disposições (*habitus*) e as tomadas de posição (escolhas) que os agentes realizam nos diferentes campos (BOURDIEU, 1996).

A comparação só é possível entre sistemas, não somente com traços isolados. Tanto o que é idêntico, como a diferença (a distinção) só existe como propriedade relacional e em relação a outras propriedades. A ideia de distinção está na base da noção de espaço, ou seja, o conjunto de posições distintas e coexistentes que se definem relacionalmente e por exterioridades mútuas, com proximidades e distanciamentos, ordenadas hierarquicamente. A distribuição das posições sociais no interior do espaço leva em conta, principalmente, o capital econômico e o capital cultural, quantias parecidas de capital detidas pelos agentes os aproximam. As distâncias entre os grupos no espaço social são determinadas, então, pelo volume de capital global que detêm os diferentes *habitus* (disposições) bem como as diferentes escolhas realizadas. O *habitus* é o que dá unidade ao estilo de vida. Os *habitus* geram práticas distintas e distintivas, são esquemas classificatórios como princípios de visão e divisão de gostos diferentes (BOURDIEU, 1996).

1. A gênese e a redefinição da noção de *Habitus*

É revisitando a noção de *hexis*, convertida em *habitus* pela escolástica, que Bourdieu objetiva dar o primeiro combate a um estruturalismo determinista³ que coloca os sujeitos como meros suportes das estruturas, ou como se fossem marionetes autômatas das mesmas.

Num primeiro momento, Bourdieu utiliza o termo *habitus* em substituição ao termo cultura, falando que a instituição escolar produz indivíduos dotados de esquemas inconscientes que são internalizados. Essa é uma das primeiras elaborações da noção que vai com o tempo se tornar mais complexa conforme o autor avança em suas pesquisas (BOURDIEU, 2004, p. 346).

Ao ler sobre arquitetura gótica, redescobre que Panofsky aplica o conceito escolástico de *habitus* para falar sobre a cultura inculcada pela escola. Recupera que o autor:

³ Principalmente aos seus representantes mais evidentes: Althusser e Lévi-Strauss.

Mostra que a cultura não é só um código comum, nem mesmo um repertório comum de respostas a problemas comuns ou um grupo de esquemas de pensamento particulares e particularizados, é, sobretudo, um conjunto de esquemas fundamentais, previamente assimilados, a partir dos quais se engedram, segundo uma arte da invenção semelhante à da escrita musical, uma infinidade de esquemas particulares, diretamente aplicados a situações particulares (BOURDIEU, 2004, p. 349).

Não se limitou na noção de *habitus* herdada de Panofsky que se restringia muito à simbologia, (re) elaborando-a ao trazer à tona as “capacidades criadoras, activas, inventivas, do *habitus* e do agente (que a palavra hábito não diz)” (BOURDIEU, 1989, p. 61). Fez isso, sem se apoiar em uma essência ou razão humana. O *habitus* em sua teoria é aquisição de conhecimento através de uma trajetória, nos jogos sociais de que o agente participou.

Não se constroem conceitos do nada, é um trabalho cumulativo aproveitando os conhecimentos já existentes, atentando para os avanços teóricos do passado com o intuito de formar um pensamento produtivo que seja operacionalizado na prática da pesquisa, pois tal como na arte, a ciência se faz num trabalho coletivo. Nesta perspectiva, mesmo o gênio mais criativo com toda sua individualidade não escapa de um conjunto de relações que são costuradas de acordo com a posição que o mesmo ocupa. Toda individualidade e aparente singularidade está submersa numa coletividade de um espaço e de uma época. Pois o *habitus* é tanto coletivo como individual, sendo a interiorização da exterioridade que gera uma exteriorização da interioridade.

Bourdieu utiliza-se da analogia com a noção de “*gramática gerativa*” de Chomsky como “o sistema dos esquemas interiorizados que permitem engedrar todos os pensamentos, percepções e as ações característicos de uma cultura, e somente desses” (BOURDIEU, 2004, p. 349). Ou seja, há uma objetividade em que os agentes se pautam e interiorizaram, mas os mesmos imprimem o seu toque pessoal, regional, familiar de classe etc. Mesmo sofrendo essa interiorização, segundo o autor, há uma arte de inventar herdada de disposições duradouras, portanto há espaço para o estilo pessoal e a individualidade mesmo que a doutrinação seja pesada, pois as pessoas não são robôs obedientes das estruturas das quais construíram em alguma medida.

É na prática que se tem a atualização concreta do *habitus* das pessoas (de carne, osso e sangue) gerando condutas que escapam de qualquer programa consciente exterior aos agentes ou qualquer plano prévio que possa se realizar plenamente. É o que orienta as escolhas do criador, tanto na novidade, quanto na re-elaboração do passado em um ato de criação; é um sistema de esquemas que orienta escolhas sistemáticas. Porém, estas, não são deliberadas,

nem organizadas e ordenadas para um fim último, mas possuem certa finalidade que se revela *a posteriori*. (BOURDIEU, 2004, p. 355 – 356). Os agentes, ao mesmo tempo em que não são inteiramente obedientes às estruturas, também não são inteiramente livres delas, não há como alguém criar algo totalmente novo, ou fazer o que quiser sem levar em conta os condicionamentos sociais e históricos.

Na pesquisa empírica, Bourdieu testava a efetividade dos conceitos, numa reflexão mais atual chega à seguinte definição de *habitus*:

Sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem ser o produto de obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (BOURDIEU, 1994, p. 61).

As disposições seriam as atitudes, inclinações para perceber, sentir, fazer e pensar – que são interiorizadas pelo indivíduo, de acordo com suas condições sociais de existência e que são naturalizadas como princípios de ação, percepção e reflexão inconscientes, óbvios, naturais, como um agir sem ser lembrado.

Os agentes com o mesmo *habitus*, mesmo sem acordarem entre si, agem da mesma maneira, em suas escolhas, cônjuge, profissão, partido etc. Cada um com o seu próprio gosto, com projetos individuais, mas concordando com outros milhares, como ele, sem saber, que agem, escolhem, pensam e sentem de forma parecida, dando uma impressão de harmonia, analogicamente à música: uma orquestração sem maestro das práticas, como um *Jazz* em que os músicos seguem uma harmonia ao mesmo tempo em que improvisam, criam, utilizam a intuição (com estilo pessoal) sem se atravessarem ou se perderem enquanto tocam.

Para deixar mais claro, vale destacar dois componentes que constituem o *habitus*: 1) *Ethos*: Princípios e valores na prática, a interiorização (não consciente) da moral realizada na conduta cotidiana – esquemas de ação e percepção. 2) A *hexis* corporal: posturas, disposições do corpo, aspectos relacionados ao corpo que foram interiorizadas pelo agente ao longo de sua trajetória⁴ (BONNEWITZ, 2003, p. 72).

Os *habitus* dos agentes são também as estruturas mentais através das quais eles apreendem o mundo social, são em essência produto da interiorização das estruturas do mundo social. Há aí uma crítica às visões microssociológicas que podem olhar a árvore e se

⁴ Aqui vemos claramente o diálogo com Foucault.

esquecer da floresta, além de esquecer-se de onde se está falando, ou vendo, e o que se vê, por não ter construído um espaço social relacional. Sendo assim, temos a premissa de que todo ponto de vista é à vista de um ponto socialmente localizado:

[...] as representações dos agentes variam segundo sua posição (e os interesses que estão associados a ela) e segundo seu *habitus* como sistema de esquemas de percepção e apreciação, como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição do mundo social (BOURDIEU, 1990, p. 158).

O *habitus* implica não só o senso de lugar, mas também o senso do lugar do outro. Os agentes se autoclassificam. O *habitus* é produto da posição e da trajetória social dos indivíduos. Podemos observar que as representações sociais mudam conforme a posição ocupada e, por conseguinte, o *habitus* adquirido numa experiência duradoura de uma posição social.

Podemos falar em um *habitus* primário com aprendizados, através da socialização durante a infância, inculcações que marcam decisivamente e que são duradouras e constituídas por intermédio do grupo familiar. Essa socialização primária depende da posição ocupada pela família no espaço social que possibilita a interiorização da exterioridade que será reproduzida de forma espontânea, natural e óbvia. A localização diferenciada no espaço social faz com que sistemas de disposições distintos sejam adquiridos pelos diferentes agentes. Já numa fase adulta da vida, a participação em outros espaços como a escola, o trabalho, e dos diversos campos sociais, seria constituidora de *habitus* secundários que seriam incorporados a esta socialização primária (BONNEWITZ, 2003).

Uma das preocupações do autor francês é de como a ideologia se dá na vida cotidiana, por meio do conceito de *habitus* em que a “inculcação por homens e mulheres de um conjunto de disposições duráveis que geram práticas particulares”. Vendo como as pessoas agem de acordo com tais sistemas internalizados, tal como um “inconsciente cultural”, revelando a espontaneidade do comportamento habitual, com conhecimentos tácitos da vida diária (EAGLETON, 1997, p. 141). Na leitura de Eagleton (1997), o *habitus* é um sistema aberto capacitador dos indivíduos para lidar com imprevistos, mudanças e também um princípio gerador de estratégias que permite a invenção. É entre o subjetivo e o objetivo que emerge as relações de força e de poder, em que determinada ordem tenta naturalizar suas arbitrariedades, num processo de reconhecimento do que é legítimo, na dialética de aspirações subjetivas e estruturas objetivas.

2. Campo, espaço social e *habitus*

Foi no diálogo com Weber que o autor construiu o conceito de campo, criticando a visão interacionista dos agentes religiosos procurando enxergar as estruturas das relações *objectivas* que eram disfarçadas pelas interações (BOURDIEU, 1989, p. 65-66).

A analogia do campo cabe para diferentes universos sociais, mesmo com as particularidades de cada campo há propriedades que lhes são comuns. O campo social é um campo de forças/lutas entre os agentes posicionados uns em relação aos outros, orientam-se, sabedores práticos das regras, limites e possibilidades que estruturam o jogo social do campo que re-produzem. Há na agência dos indivíduos no interior do campo certa liberdade, improvisações, inventividades, com estratégias (não-conscientes), tentando angariar uma acumulação maior de capital (objeto de disputas), tentando atingir as posições mais elevadas, logo, tentando adquirir poder (simbólico), reconhecimento, reputação, autoridade e notoriedade.

Para caracterizar a reprodução do campo social, Bourdieu utiliza-se de noções como consenso, ortodoxia, heterodoxia, subversão e conservação. O consenso se baseia na ignorância por parte dos agentes de que o espaço social é conflituoso, com concorrência entre grupos com interesses diversos. Neste espaço social aparentemente consensual temos posições ocupadas por agentes que o reproduzem e o produzem, em lutas por reconhecimento com estratégias de subversão ou de conservação dependendo do posicionamento no interior do campo que se modifica no decorrer dos embates ali travados.

Há uma articulação entre conceitos perceptível na relação *habitus*-campo, onde há o condicionamento do primeiro pelo último, sendo que o *habitus* contribui para tornar o campo como uma realidade com sentido em que vale a pena investir energia.

Por ser produto do campo, o sistema de disposições tanto ajuda a re-produzi-lo, como contribui para legitimá-lo nessa relação dialética da objetividade/subjetividade:

A realidade social existe, por assim dizer, duas vezes, nas coisas e nos cérebros, nos campos e nos *habitus*, no exterior e no interior dos agentes. E, quando o *habitus* entra em relação com um mundo social do qual ele é o produto, sente-se como um peixe dentro d'água e o mundo lhe parece natural [...]; é porque ele me produziu, porque ele produziu as categorias que eu lhe aplico, que ele me parece natural, evidente. (BOURDIEU *apud* BONNEWITZ, 2003, p. 85).

Enquanto produto do mundo social, o *habitus* faz com que esse mundo seja evidente, natural, pois o campo produz o *habitus* e este naturaliza o campo, a realidade social está, portanto, nas coisas (campo) e nos cérebros (*habitus*) dentro e fora dos agentes.

Os diversos campos do espaço social global são como micromundos, microcosmos em que as pessoas que ali agem compartilham os mesmos esquemas de percepção e ação devido aos *habitus* semelhantes em posições sociais próximas que condicionam suas práticas. Os aprendizados sociais bem como os capitais ganhos podem ser convertidos para diferentes campos, desde que entre os mesmos haja, em alguma medida, legitimidade para tais conversões. Um agente que acumulou capital intelectual pode usar isso para agir no campo da política⁵.

Há certas intersecções e fronteiras fluídas entre esses mundos que se distanciam e se aproximam constituindo o mundo social global. Para Bourdieu, com ressalvas, podemos comparar o espaço social a um espaço geográfico no interior do qual se recortam regiões. Mas, esse espaço é construído de tal maneira que, quanto mais próximos estiverem os grupos ou instituições ali situados, mais propriedades eles terão em comum; quanto mais afastados, menos propriedades eles terão (BOURDIEU, 1990, p. 153).

Nestes espaços, as distinções são signos de um sistema simbólico que funcionam pela lógica da diferença, estilos de vida, com diferentes representações/percepções sociais, as quais são duplamente estruturadas de forma objetiva e subjetiva. Há, nos mesmos, disputas e lutas simbólicas para criar e impor a visão de mundo legítima, por meio da violência simbólica⁶ que tem a adesão dos agentes dominados (BOURDIEU, 1990, p. 161).

Durante essas lutas simbólicas pela imposição das visões e di-visões legítimas, temos a negociação das identidades que se redefinem nessas o-posições socialmente relacionadas. Essas lutas simbólicas envolvem um *quantum* de capital simbólico que dá maior autoridade para legitimação da ordem social, percebendo o mundo social como evidente, natural, dado, garantindo um consenso aparente (Doxa). É desta forma que se dá a reprodução das estruturas e das relações de poder simbólico (BOURDIEU, 1990, p.163).

⁵ Podemos citar como exemplos, o próprio Bourdieu que conjugou a academia e a militância principalmente nos seus últimos anos de vida. Aqui no Brasil temos como o maior exemplo Florestan Fernandes que soube obter como ninguém capital intelectual e converter em capital político.

⁶ Violência simbólica é uma forma invisível de violência, que ao não ser reconhecida enquanto violência é exercida enquanto um poder simbólico, o poder de impor uma visão e divisão de mundo legitimadora. Seria uma re-elaboração da noção de hegemonia de Gramsci aplicando-a para análise da ideologia nas práticas sociais cotidianas (EAGLETON, 1997 p. 142).

Tanto o *habitus* (sistema de disposições), como as propriedades incorporadas ou objetivadas (bens econômicos ou culturais) estão relacionados ao campo ou espaço social mais amplo, levando em consideração a capacidade dos agentes em mobilizar os capitais específicos, apropriados para aquele espaço. Bourdieu identifica três elementos relacionados ao capital de um campo: 1- volume do capital; 2- estrutura do capital; 3- evolução das propriedades do capital no decorrer do tempo (trajetória e possibilidades futuras) (BOURDIEU, 2007, p. 107-108).

O volume global do capital inclui as dimensões do econômico, cultural e social utilizadas por diferentes classes (ou frações de classes) das mais providas às mais desprovidas dos diferentes tipos de capital, ou seja, conforme a classe vai haver um *quantum* de capital herdado ou adquirido diferenciado, que repercutirá na distinção entre estilos de vida e na (re) produção de *habitus* específicos.

A preocupação central do autor foi em estudar os sistemas simbólicos, em que a diferença aparece como signo de distinção, sendo o produto da incorporação da estrutura de diferenças objetivas. As diferenças no espaço social é que pontilham as classes em estado virtual, em construção. Assim, o mundo social e suas divisões são algo que os agentes têm a fazer, sendo eles, construtores e ao mesmo tempo construídos por este mesmo mundo social (BOURDIEU, 1996). O modelo de análise proposto por Bourdieu abarca princípios relacionais e geradores que constituem o espaço social e simbólico e que fundamentam a diferenciação, os princípios de distinção, os signos distintivos atentando para reprodução, contradições e conflitos e para as transformações do espaço social e simbólico e de suas relações.

O espaço social não é uma ilusão subjetivista que se reduz às interações imediatas, é um espaço objetivo de posições inter-relacionadas, fruto da dinâmica deste espaço enquanto um campo de lutas. Relações de forças pela apropriação dos bens raros e pelo poder propriamente político sobre a (re) distribuição dos ganhos. O espaço social é um terreno de lutas para dominar o mesmo e dominar os instrumentos que dominam o jogo social. (BOURDIEU, 2007, p. 229-230).

Assim, como há um senso do lugar social ocupado pelo agente, há um senso da distinção que pretende afastar do que é “comum”. Tal busca pela distinção se faz sem intenção de distinguir-se de seu estilo de vida. As lutas pela apropriação dos bens econômicos e culturais são lutas simbólicas pela apropriação desses sinais distintivos, classificados e classificadores ou lutas pela conservação ou subversão dos princípios de classificação dessas

propriedades distintivas. Lutas simbólicas pela imposição do estilo de vida legítimo e que se configura na luta pelos monopólios dos emblemas de “classe”.

No mundo social as lutas simbólicas que o dinamizam, referem-se ao crédito e descrédito, à percepção e à apreciação, ao conhecimento e ao reconhecimento, em tudo que torna o poder simbólico em poder reconhecido para aqueles que são detentores de “emblemas” distintivos e que se distanciam dos desprovidos dos mesmos. A “naturalidade” com que se legitima a distinção repousa no poder detido pelos dominantes de impor, por sua própria existência, a definição da excelência da sua maneira de existir em determinado espaço social, do seu estilo de vida parecer distinto, diferente, mas também, necessário, absoluto e natural para os demais agentes sociais (BOURDIEU, 2007, p. 235-239).

3. *Habitus* de Classe

Para o autor, a divisão em classes se daria pela classificação das práticas de diferentes grupos que ocupam o espaço social. Nesse sentido, o *habitus* geraria tanto as práticas que seriam classificadas, como os princípios para classificar as suas e as dos outros (esquemas de percepção, apreciação e di-visão). É dessa maneira que se definem os espaços dos estilos de vida enquanto mundo social representado:

Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida (BOURDIEU, 2007, p. 163).

Sendo o *habitus* uma estrutura estruturante das práticas e percepções, é concomitantemente, uma estrutura estruturada em que incorpora a divisão das classes sociais que, por sua vez, orienta a visão sobre o mundo dos diferentes grupos de agentes posicionados. É desta forma, que podemos falar de um *habitus* de classe em que as representações sociais variam conforme a posição e o *habitus* adquirido numa experiência duradoura de uma posição social.

Uma classe para Bourdieu é uma homologia em que indivíduos localizados no espaço social em posições próximas vão ter suas individualidades diversas dentro de certa homogeneidade, ou seja, um *habitus* individual é uma versão de um *habitus* de classe. O estilo pessoal de cada um vai ser explicado devido à trajetória de cada indivíduo, mas essa trajetória é social e ligada às posições ocupadas pelo mesmo, desde o seu nascimento, e pelo *locus* dos seus grupos ou classes no espaço social global (BOURDIEU, 2007, p. 103-106).

Tal como, a relação entre as práticas dos agentes e a situação em um espaço social, temos o *habitus* que produz sentido enquanto esquema de percepção e apreciação que pode ser, ao mesmo tempo, objetivamente captado pelo pesquisador. O estilo de vida que é característico para um agente ou classe de agentes está vinculado a um conjunto de práticas estruturadas que são distintas e distintivas; objetivas e subjetivas relacionadas mutuamente. O *habitus* de classe é o princípio unificador e gerador destas práticas, forma incorporada da condição de classe e dos condicionamentos que ela impõe, para tanto, é preciso traçar as variáveis e construir o sistema de variáveis, mapeando no espaço social os diferentes conjuntos de práticas, as trajetórias, os capitais acumulados e os condicionamentos que determinam as posições no espaço social, visto de forma inter-relacionada. A posição ocupada orienta as práticas por meio de um *habitus* específico, havendo condicionamentos que não são neutros, um conjunto de características tácitas, princípios de seleção e exclusão sem nunca ser enunciados (BOURDIEU, 2007, p. 97-101).

A classe é construída pelo pesquisador como um instrumento metodológico que consegue captar a dialética entre as disposições e posições, entre as aspirações e as realizações, a ascensão ou o declínio da posição da família e sua inculcação moral, política, religiosa para os filhos continuarem ou escaparem do declínio. Tal destino dependeria de como se daria as estratégias de reconversão que independente das trajetórias individuais e distintas que tomaram, são marcados pelo destino coletivo. A construção teórica da classe deve levar em conta a lógica específica do campo e a espécie de capital legítimo e necessário para participar do mesmo. É preciso considerar que cada campo tem um sistema de propriedades diferentes e os capitais que mais pesam no interior dos mesmos também variam conforme a lógica específica de cada campo (BOURDIEU, 2007).

A luta de classes na perspectiva bourdieusana seria uma luta de classificações, em que se tenta imprimir a sua visão de mundo como a legítima para os demais. O que Bourdieu nos alerta, é que as assimetrias de poder tendem a reproduzirem-se e com isso as diferenças entre as classes sociais. Assim, as desigualdades entre elas, tendem a se perpetuar.

É importante, ainda, destacar que a ideia que cada classe faz sobre o corpo e a maneira de cuidar do mesmo, é reveladora das disposições mais profundas do *habitus*, a forma que se usa o corpo em que estão depositados os valores e “crenças” mais fundamentais do grupo, em que deixa transparecer, inclusive as relações de gênero entre masculino e feminino, na maneira de se portar do corpo, de consumir, de alimentar e de se comportar socialmente. Portador de sinais, o corpo é também produtor de signos. Estes, por sua vez, são

caracterizados pela relação com o corpo e traduzidos, por exemplo, na maneira de falar em que pode haver a valorização da virilidade das classes populares ou na maneira de se maquiar que deixa transparecer uma fisionomia moral. (BOURDIEU, 2007, p. 179-183).

Os sinais distintivos do corpo são fabricados culturalmente e distinguem os grupos no que diz respeito ao seu grau de cultura. Os espaços dos corpos reproduzem a estrutura do espaço social, incorporando os sistemas sociais de classificação.

A representação social do próprio corpo com a qual cada agente deve contar, e desde a origem, para elaborar a representação subjetiva de seu corpo e de sua *hexis* corporal é assim obtida pela aplicação de um sistema de classificação social, cujo princípio é o mesmo dos produtos sociais ao qual ele se aplica. (BOURDIEU, 2007, p. 183).

O corpo para além do seu aspecto biológico tende a reproduzir a estrutura do espaço social, os princípios de classificação social fornecem inclusive o substrato para a imagem subjetiva de si mesmo. O gosto alimentar, por exemplo, está relacionado com as outras dimensões sociais e com a filosofia prática de cada classe. Cada estilo de vida só pode ser pensado em relação ao outro que é a sua negação objetiva e subjetiva. A identidade de um grupo é expressa na sua diferença com outros grupos.

4. Um sentido prático de jogo

O agente social localizado em determinado campo, através das posições que ocupou com suas respectivas disposições incorporadas age com um conhecimento prático. Detém uma espécie de sentido de jogo em que não é preciso raciocinar para saber como agir e se posicionar num dado espaço social de maneira a atingir certos objetivos (BOURDIEU, 1989, p. 62).

Há um sentido prático, um sentido de jogo que não se reduz a obediência cega de regras, mas um conhecimento prático através do *habitus* adquirido. Desta forma, o agente orienta-se e movimenta-se no campo sem uma reflexão sistemática e consciente, mas de forma quase que automática, como em um jogo⁷. Fazendo aqui uma analogia ao futebol em

⁷ Sendo a analogia a de um jogo relacional (campo de lutas) é o que faz Bourdieu preferir a noção de agente social e não de sujeito ou de ator social. Sujeito social remete há um sujeito da história na condição de por um lado ser sujeitado pelas estruturas sociais, mas por outro é também de sujeito da ação, de portador da ação transformadora enquanto grupo social (coletividade) daquele que faz a história. Ator social recorda a analogia teatral de Goffman e a “Representação do Eu na Vida cotidiana” (1985) esquecendo da sua posição no espaço social. Lembra também Weber em que há um processo consciente na ação que sempre está sendo dotada de um sentido nas interações, e esquece-se também de ver as relações que as condicionam e que não são aprendidas racionalmente pelos agentes.

que o jogador que sabe jogar está no lugar certo, na hora certa para fazer o gol da vitória, mesmo sem obedecer ao que o técnico lhe determinou e desenhou racionalmente no intervalo do jogo.

Para Bourdieu, o agente social com seu *habitus* adquirido através de experiências vivenciadas nos espaços sociais do qual pertenceu ou pertence, desenvolve certa habilidade para o jogo social (saber jogar). Um sentido de jogo que nem sempre é consciente, que tem um tanto de intuição, improvisado, de criativo e que ao mesmo tempo é condicionado por sua história social no campo e pelo seu próprio *habitus*. No interior deste, o agente possui uma capacidade de agência, de orientar suas estratégias com o objetivo de ganhar mais capital social e simbólico com vistas ao reconhecimento.

Neste jogo social, o que há é uma economia, mas não no sentido economicista do termo, do interesse econômico. Esse é um dos capitais que dispõem os agentes. Economia no sentido de uma lógica em que há trocas entre os agentes, em que há compartilhamento de certos preceitos, símbolos, regras do jogo, do que é legítimo e tido como válido; concorrências, lutas e disputas entre os diferentes agentes e classes de agentes em torno do acúmulo de um *quantum* maior de capitais nos diferentes campos (científico, artístico, esportivo, literário, político, econômico etc.).

Considerações Finais

As estruturas não são estáticas; são atualizadas constantemente pelos agentes que as (re) produzem, e mais do que isso, re-produzem através dos seus *habitus* que é estruturado pelas mesmas. As estruturas sociais são construídas pelos agentes com seus diversos *habitus* e são permanentemente atualizadas na dialética agentes - estruturas - agentes. São as estruturas que constroem os *habitus* dos agentes que, por sua vez, em relação com outros agentes, grupos ou campos, voltam a constituir e re-atualizar as estruturas num ciclo espiral e reprodutivo.

A mudança mais brusca para Bourdieu pode surgir com a defasagem entre as condições objetivas (estrutura) e o *habitus* dos agentes, ou seja, não se acompanhou o movimento de re-produção, mas o que dá a entender que isso é temporário até se re-estabelecer à ordem social. Pensei aqui em dois exemplos para explicar essa defasagem: um de ascensão social, em que alguém ganha na loteria e não está acostumado com as novas condições objetivas da nova classe e pode cometer “gafes” até atualizar seu *habitus* com a

nova experiência, ou o contrário, alguém de posses que empobrece e tem que adaptar-se às novas condições objetivas.

O *habitus* se localiza no meio termo da estrutura e os comportamentos individuais adentrando e participando da constituição de ambos. É um conjunto de disposições, atitudes sistematizadas em esquemas que são retroalimentados, pelas práticas e representações (um conhecimento prático) e ao mesmo tempo condiciona-as e naturaliza-as.

O *habitus*, portanto, naturaliza o mundo social, como evidente. O agente não o questiona profundamente, sendo produzido / produtor / re-produzido / re-produtor das e pelas estruturas que organizam o espaço social global e os campos que ali se inter-cruzam⁸. Um dos méritos do legado teórico de Bourdieu é mostrar como se dão as relações de poder e dominação, bem como, os dominados legitimam as construções sociais e simbólicas que lhes são impostas, mas que não são percebidas como tal, porque compartilham e interiorizaram minimamente as mesmas, vendo-as como evidentes. Isto se deve ao desconhecimento dos mecanismos de dominação que operam no espaço social e simbólico.

O sistema de disposições opera com um sentido prático, através de um senso prático em que os agentes, orientando suas estratégias, acionam mais ou menos automaticamente nos diferentes jogos sociais, dos diferentes campos em que participam, posicionados e com trajetórias diversas, constituem visões e di-visões de mundo diversas.

No entanto, percebemos que a noção de *habitus* tem uma dimensão reprodutiva muito mais forte do que produtiva, ou seja, de certa *práxis* transformadora, pois as estratégias do agente sempre estão ligadas ao espaço social imediato ou do campo conjuntural de que participa através da posição social ali ocupada. A capacidade de invenção, originalidade e fazer a diferença, como melhor coloca Giddens, fica limitada em Bourdieu, pois a subjetividade do agente é restringida pelo *habitus* enquanto incorporação e inculcação de valores, maneiras de ser, visões e di-visões de mundo, ou seja, pela interiorização da exterioridade, que em alguma medida parece prevalecer.

A experiência duradoura em uma dada posição social permite o acúmulo de um conhecimento praxiológico e está ligada à determinadas práticas sociais correspondentes. No entanto, as práticas sociais não rompem com as regras do campo ou do espaço social mais amplo, os agentes, para Bourdieu, podem tomar uma postura de questionamento heterodoxo, contestar até certo ponto uma ortodoxia, mas acabam fazendo o jogo do campo na tentativa de

⁸ *Habitus* secundários como o conhecimento acadêmico, científico ou filosófico podem desnaturalizar o mundo social em algum aspecto e naturalizar em outros. Por exemplo, no campo das ciências sociais os autores estão sempre tentando imprimir a sua teoria como a mais legítima para compreender o social e ganhar autoridade neste campo científico e podem servir muito mais para naturalizar as relações de poder do que fazer a crítica.

angariar melhores posições, acumular capital e deter autoridade, legitimidade e reconhecimento em posições sociais dominantes naquele espaço.

O agente mesmo tendo um estilo pessoal, uma trajetória individual diferente dos demais agentes, acaba cedendo às condições sociais, a exterioridade das construções sociais, tendendo o indivíduo a se identificar com o estilo e distinção partilhados pelo grupo ou classe social. Deste modo, o autor, apesar de se esforçar em não cair em um objetivismo ou em um subjetivismo, coloca um peso maior nos elementos estruturais do social.

O *habitus* é o mediador entre o social e o individual, entre exterioridade e interioridade numa relação dialética. É visto como princípio estruturador das ações e escolhas dos agentes. Mesmo sendo uma noção de mediação dialética, tal mediação pendeu mais para certa determinação em que as escolhas e possibilidades diferenciadas de ação estão ausentes para os agentes que são “oprimidos” pelas suas trajetórias sociais passadas, pelas suas experiências passadas que formam o sistema de disposição (*habitus*).

Talvez, tenha faltado a Bourdieu a dimensão futura, a ideia de projeto, projeto de ser, como bem coloca Sartre, ou então, uma noção de *práxis* transformadora recuperada de Marx, por Anthony Giddens (2002; 2003) para entender que as ações dos agentes alcançam dimensões muito maiores que as previstas, ou ainda, a noção de reflexividade desse mesmo autor, para pensarmos a capacidade dos agentes escolherem o princípio que orienta suas escolhas, ou seja, o seu *habitus*, como ainda reelaborá-lo, reinterpretá-lo, reconstruí-lo com referência às múltiplas realidades sociais, múltiplos espaços sociais de que o agente participa ou tem acesso no mundo contemporâneo da alta modernidade, em que há cada vez mais uma circularidade de referências que se desencaixam do tempo e do espaço.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo. In: **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 59-73.
- _____. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. Esboço da teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu/Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994, p.46-81. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- _____. Espaço Social e Espaço Simbólico In: **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996, p. 13-33.
- _____. Estrutura, *habitus* e prática. In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. O espaço social e suas transformações. In: **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.
- _____. O *habitus* e o espaço dos estilos de vida. In: **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

_____. A dinâmica dos campos. In: **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.

EAGLETON, T. De Adorno a Bourdieu. In: EAGLETON, T. **Ideologia**. São Paulo: UNESP; Boitempo, 1997.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2002.

_____. **A constituição da Sociedade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.